



POVO DE AVEIRO



Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO

EDITOR, Manuel Homem Christo

SEMANARIO REPUBLICANO



Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

Numero 165

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 13200 réis. Semestre, 600. Fora de Aveiro, um anno 13300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 25500. Semestre, 13500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

4.º Anno

O DUELLO

Lemos, ha dias, n'um jornal, que o imperador da Allemanha applicára varios castigos a uns officiaes por terem festejado, ao sahir da prisão, um camarada que estava preso por se ter batido em duello.

O imperador da Allemanha, como se sabe, tomou a peito, ultimamente, reprimir, com severidade, o duello entre militares.

Agora lemos que o governo italiano, tendo conhecimento de um encontro entre dois capitães de infantaria, expulsou do exercito o capitão provocador, meteu n'uma fortaleza o capitão provocado, demittiu o coronel do regimento, applicou quinze dias de prisão ao tenente coronel, dez dias aos dois maiores e tres mezes a cada um dos quatros capitães que foram testemunhas do duello.

Muito bem. Isto é nos paizes do duello, na Allemanha, na Italia, onde os duellos são tradicionaes.

Em Portugal, onde o duello não tem popularidade nem tradição, foi castigado o coronel Constatino de Brito por não ter accedido a um desafio proposto por inferiores e foi obrigado a demittir-se o tenente coronel Fernando de Souza por não querer desafiar o celebre Luiz de Judiciary.

Como sempre, Portugal a figurar como paiz engraçadissimo!

Diga-se, porém, em abono da verdade e em favor da justiça, que o movimento contra o duello também se vai accentuando entre nós. Ainda n'outro dia para aqui transcrevemos um artigo das *Novidades*, combatendo esse costume estúpido, artigo muito importante dadas as afinidades aristocraticas das *Novidades*. Agora lemos na *Epocha* outro artigo no mesmo sentido.

Alegremente registamos estes factos, por isso que nenhum periodico tem combatido mais o duello que o *Povo de Aveiro*. Muitos annos, fomos mesmo o unico periodico a combate-lo em Portugal.

Não queremos dizer com isto, de modo algum, que o movimento que se vai agora notando contra o duello seja effeito da nossa propaganda. De modo algum. Bem sabemos que não vai tão longe a influencia d'um pobre semanario de provincia. Mas é licita a nossa satisfação, desde que vemos triumphar um principio de justiça pelo qual pugnamos toda a nossa vida.

O duello é um absurdo e são absurdos todos os argumentos com que procuram defende-lo. Impõe-se pela força da convenção. São forçados a acceita-lo, ás

vezes, aquelles mesmos a quem elle repugna. Nem por isso deixa de ser um absurdo. E, por isso mesmo que o é, convem acabar com a convenção, libertando do seu jugo as consciencias rectas. E os meios para isso são, não sómente uma propaganda activa, como, ainda, uma repressão severissima.

Foi pela repressão severissima, muitas vezes o temos dicto, que a Inglaterra acabou com elle. A Inglaterra, que é uma grande nação, não receia que os seus filhos sejam accusados de covardes por não recorrerem a duellos, nem que os seus militares percam a altivez da classe e o uso do manejo das armas não as brandindo no *campo da honra*. A Inglaterra considerou os crimes do duello como crimes communs. Reprimiu-os violentamente e enoxoravelmente. E continuou sendo uma grande nação. E os inglezes, civis e militares, continuaram sendo tão dignos e corajosos como até ahi.

Parece que a Allemanha e a Italia tendem a ir na mesma corrente.

Pois façamos nos o mesmo, que temos a nosso favor a circumstancia do duello ter sido sempre impopularissimo em Portugal.

E' certo que os tribunaes não estão organizados em condições de darem satisfação a todos os agravos. Mas isso facilmente se remedeia com uma legislação melhorada.

E' o que nos compete fazer. E entremos no caminho da razão, que é tempo.

Cartas d'Algures

Continuaremos no proximo numero a publicação regular das *Cartas d'Algures*, terminando com a proxima carta a questão do analfabetismo que n'ellas se vem tratando.

Foram interrompidas pela absoluta falta de tempo que o seu auctor tem tido para as escrever.

MALANDROS

Pretendem os ignobeis tratantes que quem atacou o juiz Pinto foi o sr. dr. Alvaro de Moura. De forma que o sujo pasquim, onde cada um faz o que quer, já está peor que um barril de lixo. Mais sujo, mais immundo, mais repellente, com certeza.

Se qualquer dos escrevinhadores, amanhã, com a *independencia* que todo o mundo conhece nos malandros, quizer censurar o sr. Mattoso, ou o sr. Jayme Lima, os outros escrevinhadores consentem? Não. E tanto que até fizeram ao sr. dr. Alvaro

a nobre partidinha que todo o mundo conhece.

Olha lá se o *Chica* esteve então com escrúpulos!

Ora porque não consentem os escrevinhadores censuras ao sr. Mattoso ou ao sr. Lima? Porque a responsabilidade moral do que se escreve n'um periodico é de todos os redactores effectivos, quando o artigo não leva a nota de extranho á redacção. E mesmo quando leva essa nota, a responsabilidade do director do jornal existe sempre.

Não consentirão que o sr. Lima seja censurado no pasquim porque seriam todos mais ou menos solidarios n'essa censura, como hoje já não serão capazes de consentir que qualquer vá censurar no jornaléico o proprio juiz Pinto. Hoje não queriam elles arrostar com a solidariedade d'essa censura, como arrostaram em tempos.

Malandros em tudo e por tudo. Sempre os mesmos malandros!

Malandros em todo o caso, mas malandros em especial porque se foi o sr. dr. Alvaro de Moura quem escreveu os artigos relativos ao julgamento da questão do orphão, foi o *Chica* quem se encarregou do resto, azedando o caso de tal forma que andou debaixo dos Arcos á unlhada com o *Caganifancia*. O *Chica* tanto chalaceou com a *casaca verde* e com os *botões amarellos* que o *Caganifancia* se atirou a elle.

E agora querem os tratantes convencer o publico de que foram completamente estranhos á *pendencia*!

Não só foram solidarios com o sr. dr. Alvaro de Moura nos artigos relativos ao juiz, por mais nojento que seja o covil do Largo do Espirito Santo, por mais que os quadrilheiros pretendam fugir á responsabilidade dos artigos que apparecem sem assignatura, allegando que são d'este ou d'aquelle e que os outros redactores nada teem com isso, procedentemente ignobil que está fóra dos principios mais rudimentares do decoro jornalístico, não só, dizemos, foram solidarios com o sr. dr. Alvaro de Moura, como foi o *Chica* quem especialmente completou a obra, troçando a *casaca verde* do aio da menina até ao ponto do *Caganifancia* sahir do seu sério.

Na questão do *Mercado* a mesma coisa. Basta ler os successivos artigos publicados no pasquim contra o *Mercado* para se reconhecer n'elles o dedo do *Chica*. O sr. dr. Alvaro de Moura terá escripto alguns. Mas o *Chica* escreveu outros tantos, ou mais.

Agora, porém, apparecem os pulhas a dizer que nem nos artigos contra o *Mercado* tiveram solidariedade!

São uns grandes pulhas.

Temos em nosso poder uma carta em que o *Chica* nos conta que esteve certa noite a desfazer jornaes onde *Cabecinha* atacava o juiz de direito Alexandre de Sousa e Mello. Então, *Chica* tanto entendia que era solidario com os ataques a esse juiz que inutilizou uma tiragem inteira, para não sahir nenhum exemplar a publico. Então, *Cabecinha* disputou pouco do jornal que *Chica* mandava-o á fava e até depois do jornal já impresso desfazia o que *Cabecinha* tinha escripto. Façam ideia!

Mais tarde, allega-se, com revoltante hypocrisia, que não se podem evitar as baboseiras de *Cabecinha* porque o *jornal é d'elle* e hoje diz-se que nada tiveram com os ataques ao juiz Francisco Antonio Pinto porque quem escreveu não foram elles, mas o sr. dr. Alvaro de Moura!

Uns grandes pulhas, uns grandissimos pulhas, os maiores pulhas que teem apparecido em Aveiro.

Os da Vera Cruz eram maus e lá estão hoje ligados com estes. Mas estes são peores.

Um bocadinho peores.

«O Mundo»

Entrou no 3.º anno de publicação este nosso prezado collega de Lisboa.

As nossas felicitações.

O analfabetismo

NO

EXERCITO

As *Novidades* publicam uma nova carta do sr. capitão Homem Christo, que passamos a transcrever:

Sr. redactor.—Tinha eu ficado em dar ao *Constante leitor* do *Mundo* a minha opinião, sobre o ensino militar por companhias. Com o tempo tomado por varios serviços, que pediram, com urgencia, a minha attenção, só agora posso voltar a escrever. Ainda hoje, porém, não tratarei o assumpto do leitor do *Mundo*, que póde ser tratado, sem prejuizo, em qualquer altura. Prefiro responder, primeiramente, a uma especie de consulta, que me é dirigida não sei por quem, sem que, por isto, deixe de merecer resposta, pois que é formulada em termos convenientes e sobre pontos de importancia.

No desempenho do encargo moral que tomei, é meu dever, nos limites das minhas forças, aclarar todas as duvidas, desfazer todos os equivocos, combater todos os erros, desenvolver ou completar todas as informações que digam respeito ao analfabetismo, em geral, e ao analfabetismo no exercito, em particular, sempre que, formuladas as duvidas, affirmados os erros, pedidas as informações individualmente, tenham, comtudo, um caracter collectivo.

Eis os pontos da consulta:

1.º Não será o methodo questão

secundaria, como affirmam os adversarios do methodo João de Deus? Spencer é d'essa opinião.

2.º Diz-se que o ministro da guerra tenciona fazer, este anno, uma experiencia em Lisboa, mas encarregado do ensino apenas os 2.ºs sargentos. Serão estes sufficientes?

3.º Até onde irá o prejuizo causado ao ensino pelo espirito militar, que é auctoritario, que é despotico?

4.º Os soldados manifestam desgosto pelo ensino ou sentem-se bem com elle?

5.º Convirá dar o ensino agricola aos soldados, como ensino complementar, ou melhor seria aperfeiçoá-los, depois do promptos, e no pouco tempo que decorre até ao licenciamento, no ensino litterario elementar?

6.º Que valor teem os argumentos dos que pretendem que a felicidade do homem está na ignorancia, ou que, sendo a causa da decadencia portugueza um factor hereditario, um vicio de character, um estigma de raça, não vale a pena instruir o povo? Respondo pela ordem das perguntas:

1.º Spencer não diz tal, que eu saiba, que a questão do methodo é uma questão secundaria. O que Spencer diz, fallando de Pestalozzi, no seu tratado: *Da Educação Intellectual, Moral e Physica*, é—isto faz muita differença—que o successo d'um methodo depende da intelligencia com que elle é applicado.

O mesmo, ainda, que dizia João de Deus, em 1878, em carta á *Democracia*, ainda que João de Deus nunca tivesse lido Spencer, nem qualquer outro. Não era dado a leituras. Elle proprio o confessa em carta dirigida ao sr. Emygdio Navarro e publicada no *Progresso*. Ahi diz que até o mesmo visconde de Castilho só conhece pelo *Echo* o *Narciso*, que leu na mocidade, e pelo *Medico á Força*, que tinha lido ultimamente.

Mas vamos á concordancia de opiniões entre João de Deus e Spencer.

Tendo-se referido Osorio de Vasconcellos e Pires de Lima, no parlamento, em termos calorosos, ao methodo de João de Deus, pedindo que elle fosse adoptado officialmente, acudiu o poeta dizendo que, por seu lado, não havia pedido nem pediria tal coisa. «A adopção, isto é, a imposição do methodo a professores que não o comprehendem, não serviria senão de o desacreditar. E ainda que o comprehendessem, se o não preferissem, pondo-o em pratica de mámente, não colheriam d'elle os devidos resultados. O magisterio é um sacerdocio que prende essencialmente com as disposições internas. Ensinar o que se não apprendia corresponde a ensinar o que se não sabe (*A Cartilha Maternal e o Apostolado*, pag. 26.)

E', n'outros termos, o que diz Spencer. «E' já uma banalidade dizer que as melhores ferramentas fazem obra má nas mãos d'um mau operario. Diremos mesmo que os maus mestres não de sempre encaixam com os melhores methodos; é a propria excellencia do methodo que se torna então a causa da falta de exito, assim como, para continuar a comparação, a perfeição da ferramenta é, em mãos inhabeis, uma causa de imperfeição nos resultados.» (*De l'Éducation Intellectuelle, Morale et Physique*—Paris-1882, pag. 111.)

Spencer não fazia, pois, do methodo uma questão secundaria. Ao contrario, fazia d'elle uma questão primaria.

O que Spencer queria, o que queria João de Deus, o que querem todos que, sem serem Spencer nem João

O NOVO HOSPITAL

Como dissêmos, não ha obra nenhuma, n'esta terra, que não traga o cunho da estupidez, da bestialidade que caracteriza a maior parte dos mandões.

Na propria guerra, movida ao actual presidente da camara, vae, com a especulação politica e a maldade, uma grande dôse d'essa bestialidade. O presidente da camara é, talvez, o unico dos dirigentes locais que tem sentimento esthetico. Os outros falam em arte e escrevinham sobre ella, como o cidadão Jayme Lima, por exemplo, mas não sabem, mas não passam d'uns pobres de Deus, d'uns nephelitas sem o minimo valor. Plagiarios, limitam-se a coser phrases que apanham aqui e além, a copiar a esmo desenhos e estampas, sem a menor originalidade, sem o mais insignificante merecimento real. Se ao menos soubessem plagiar, copiar!...

Mas nem isso. Distingue-se, entre todos, o presidente da camara, que não escrevinha, que não declama, mas que tem idéas e gosto, mas que trabalha, mas que tem zelo pelas coisas publicas, mas que sabe applicar aquillo que é bom e que é bello. E d'ahi lhe veio o nome d'*Obstaculo*, com que o baptizou a turbamulta das cavalgadas da politica local. Nome bem posto, afinal. Nome o mais honroso de todos no meio de taes animaesinhos. Ser um *Obstaculo* ás asneiras das cavalgadas é bem merecer da consideração dos homens intelligentes.

Só não é *obstaculo* no meio d'esses brutos quem fôr tão bruto como elles.

O novo hospital nasce torto, como tudo ou quasi tudo entre nós. E já não se pôde endireitar, como se endireitou a estatua, que a *rédua dos artistas* da terra queria, por força, deixar aleijada. Os *artistas*, os *grandes artistas* da terra, são uma verdadeira maravilha!

A estatua endireitou-se, ainda que com muito custo. O *compadre*, o celebre *compadre*, o futuro barão, que é sábio, que é artista, que é um dos grandes indispensaveis n'esta terra, figura primordial que até *faz vento* quando passa, tão ancho se quer fazer, o *compadre* até apostava garrafas de vinho do Porto em como a estatua havia de ficar torta. Tão seguro elle estava do seu valor artistico e do seu poder magestatico! Coitado, d'essa vez perdeu. Mas alguma vez havia de ganhar. Ganhou agora, na escolha do sitio para o novo hospital.

Ganhou agora. Elle é os outros. Endireitou-se a estatua. Evitou-se a inutilização do lyceu, tambem applaudida por varios *sábios* e *artistas*. Mas com o hospital nada se faz. Ficou para emparceirar com o quartel.

Nada se faz e nada se fazia, já, quando aqui levantámos a questão. O fallecido visconde da Silva Mello provou-nos que só por *má vontade pessoal* poderíamos insistir no assumpto. Porque, de resto, os recursos monetarios, que eram pequenos, estavam já comprometidos para a construção n'aquelle sitio, que tinha de ser alli, ou tivesse havido asneira na escolha, ou não. E nós, que não queriamos que o visconde da Silva Mello visse *má vontade* contra elle onde não havia taes propositos ou idéas, não insistimos. Mas já que os tratantes dos francaceos andam por ahí a querer destruir a obra patriótica do presidente da camara, o unico homem de sentimento esthetico e valor real que tem gerido os negocios municipaes nos ultimos quarenta annos, diga-se tudo.

E para se dizer tudo é preciso fulminar os que se abalançaram á grande asneira, que degenera n'um verdadeiro crime, de terem ido escolher para construção do hospital o sitio da Senhora d'Ajuda.

Só em Aveiro. Tornemos a dizer: só em Aveiro. Tão estúpido, tão bestial aquillo foi.

Eduardo de Abreu castigava, ha dias, com palavras cheias de verdade, cheias de justiça, os medicos que iam para Vianna do Castello declamar sobre tuberculosos, deixando no esquecimento e no abandono as causas geraes da tuberculose no paiz. O que diria elle se conhecesse o que se passa em volta do hospital de Aveiro, que servindo de reclames ás vaidades de varios politicos locais, que sendo motivo para servilismos abjectos, que servindo para exaltar serviços humanitarios, que sendo feito para melhorar as condições dos doentes, ha de ser apenas uma fonte de doenças e de torturas moraes para os desgraçados que a elle se acolherem!

E a coisa mais estúpida, mais revoltantemente estúpida e barbara, que se tem feito ultimamente entre nós:

Um hospital na estrada da malhada!

Em terra de mosquitos, transmissores dos mais perigosos microbios, além da tortura que elles representam, um hospital a receber toda a grande massa de mosquitaria que se ergue das malhadas dos estrumes!

Não era preciso mais nada. Bastava a tortura da chiada dos carros de moição, fóra o cheiro, e a tortura das picadas e zumbidos dos mosquitos, mesmo que a picada não fosse a transmissora dos maiores venenos, para que a escolha do local para o novo hospital representasse uma verdadeira estupidez, uma verdadeira barbaridade, uma verdadeira selvageria.

Mas ha o cheiro dos estrumes. Mas ha o perigo das picadas dos mosquitos. Mas ha as emanções do terreno pantanoso que fica do lado do jardim. Mas ha mil coisas que condemnam irremediavelmente aquelle local, coisas que devemos de dizer para afinar o *oído dos servilismos dos compadres*, para acompanhar a cantata dos louvores humanitarios erguidos em volta dos *caciques* da politica local.

Contem com isso. E são esses os mariolões que se levantam, voz em grita, contra o unico presidente de camara que Aveiro tem tido ha muitos annos!

Arre, que são patifes. São muito brutos. Mas nem por isso deixam de ser muito patifes.

Preste a afogar-se—Acto heroico

Na quinta-feira de tarde, depois dos ultimos lanços do mar na Costa Nova, uns rapazitos metteram-se n'uma pequena bateira e foram navegando pela ria, mas chegados á cale um d'elles, filho do negociante de pescado sr. José da Cruz, d'esta cidade, teve a infelicidade de cair á agua e esteve prestes a morrer se os seus companheiros não começassem em alta grita pedindo soccorro.

O paé e tio João da Cruz que estavam na seu palheiro preparando a refeição da tarde, ouvem os gritos e correm a saber do que se trata. Era seu filho e sobrinho que luctava com a agua n'uma grande afflicção. Loucos de dôr correm velozmente n'uma bateira juntamente com Manuel Calmão ao local do sinistro e lançam uma vara para lhe servir de apoio sendo baldados esses esforços. Então, Manuel Calmão lança-se rapido e heroicamente á agua e vae arrancar do fundo da ria a infeliz creança que conta apenas 9 annos a uma morte certa.

Manuel Calmão é, pois, digno de todos os louvores.

Quando se resolverá a direcção do Theatro Aveirense a mandar cair as fachadas d'aquelle edificio?

E' uma vergonha aos olhos de quem visita esta cidade.

FARÇANTES

Continuam os farçantes a ladrar á camara municipal por verem os relevantes serviços que ella está prestando ao concelho. E' natural. Naturalissimo. Os farçantes nunca fizeram coisa nenhuma. O sr. Jayme Lima, que elles applaudem, até abandonou a presidencia e a camara quando os eleitores tiveram a ingenuidade de o eleger para esse cargo. Como hão de, elles, vêr agora com bons olhos os relevantes, os patrióticos serviços d'esta vereação em geral, e os do seu presidente, o sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto, em particular? O confronto esmaga-os.

E então mordem raivosos.

E' natural. Naturalissimo.

Egual sanha demonstram contra os srs. Mellos, d'Agueda, como elles escrevem. Tambem naturalissimo. Leiam a correspondencia d'Aveiro para o jornal do Porto *A Provincia*, de 13 de março de 1886, e convencer-se-hão de que as dentadas nos srs. Mellos, d'Agueda, são naturalissimas.

Os srs. Mellos, d'Agueda, sem serem d'Aveiro, teem-se fardado de trabalhar pelos interesses locais. Os srs. Mellos, d'Agueda, sem serem d'Aveiro, nunca pediram a suppressão do districto de Aveiro. E o sr. Jayme de Magalhães Lima, sendo d'Aveiro, nunca prestou nenhum serviço importante á sua terra. E o sr. Jayme de Magalhães Lima, sendo d'Aveiro, lembrou e *defendeu* a suppressão do districto d'Aveiro, quando ninguem pensava em o supprimir.

Entre muitas coisas famosas, dizia o sr. Jayme na tal correspondencia:

«Agora falla-se (ninguém fallava em tal) na extincção do districto e em Aveiro julga-se que este seria o ultimo dos desastres e a destituição do ultimo refugio da nossa prosperidade...»

Se amanhã o governo propoz a extincção do districto de Aveiro, nós não o applaudiremos nem o condemnaremos.»

Por muito favor aos aveirenses, NÃO APPLAUDIA. Oçam bem. Por favor, NÃO APPLAUDIA. E tanto era por favor que se não applaudia, TAMBEM NÃO CONDEMNAVA.

No intimo d'elle, ao que se vê, concordava. Por isso NÃO COMBATIA. Mas por favor, já que era d'Aveiro, NÃO APPLAUDIRIA.

Isto é o que se lê na tal correspondencia. E leem-se muitas outras coisas tão bonitas como essas. Iremos transcrevendo aos poucos e por fim transcreveremos tudo junto.

E' isso o que se lê na tal correspondencia.

Ora quem applaude um homem d'esses para combater aquelles que sem serem d'Aveiro não teem feito senão favorecer os interesses d'Aveiro, é indigno do nome d'aveirense.

Essa indignidade nunca nós commetemos, nem commetteremos. Em questões locais, estive-mos sempre do lado dos que serviram a honra e os interesses da nossa terra.

N'esse posto permaneceremos.

Abaixo essa ignobil cambada

de Deus, vêem um palmo diante do nariz, é que o methodo seja comprehendido e ensinado com consciencia, zelo e amor. Sem isto, não ha methodo bom, *por melhor que elle seja*. E, por isso, João de Deus, que já conhecia a má vontade do mestre-escola de Lisboa contra a sua obra, má vontade que rebentou, dias depois, em improperios e heresias de toda a ordem, não queria que o methodo fosse imposto desde logo. Impô-lo a uma turbamulta sem sciencia nem consciencia, era mata-lo, embora fosse magnifico.

Inconsciencia e insciencia que, pela vergonha nossa, se mantiveram até hoje.

Em que se fundaram as objurgatorias contra o methodo? No interesse dos cartilheiros e na vaidade ridicula dos mestraços.

Esta, porque temia concorrência ao livreiro de que auferia certos lucros; aquelle, porque se julgava attingido pelo desdém com que o poeta annotava processos ridiculos de ensino, quer por espirito de ganancia, quer por espirito de classe, quer por despeito e inveja, todos se juntaram para derribar o monumento mais notavel, erigido, no nosso tempo, ao progresso e á civilização d'este paiz. E conseguiram-n'o. Esta tem sido, desde seculos, a triste sorte da nossa pobre terra.

Mas os cartilheiros e os mestraços não passavam d'uma duzia, afinal. Porque, tão poucos, prevaleceram no conceito do paiz, no conceito de tantos, impondo-se, dominando, conseguindo viver uma vida de mesquinhas e falsidades?

Pela ignorancia, que tem dominado as classes dirigente; pela indifferença, que resulta d'essa ignorancia; juntando-se, a uma e a outra, o feitiço modesto e resignado do poeta. Fóra elle um intrigante, um chocarreiro ignobil, um parlapatão com a arte de se metter para vender gato por lebre, e achara os triumphos e as recompensas que não couberam ao merito e á virtude.

Destruin, é certo, em boa prosa, todos os argumentos dos seus adversarios. Destruin, é certo, em boa prosa, todos os argumentos dos seus adversarios. Destruin, é certo, em boa prosa, todos os argumentos dos seus adversarios.

Ali correm impressos, em dois volumes, todos os artigos de polemica: os dos inimigos e os seus. Basta lê-los, com um bocadinho de attenção, para que a verdade do methodo surja eloquente e limpida. Mas quem lê?

João de Deus limitava-se a escrever. Escrevia de longe. Escrevia fugindo. Escrevia isolando-se. Os outros, escreviam avançando, mettendo-se, intrigando. João de Deus escrevia com verdade. Os outros escreviam com mentira. E, sobretudo, João de Deus escrevia bem. Os outros escreviam mal.

Para o exito, esta circumstancia ainda hoje é a primeira.

João de Deus escrevia bem e não usava titulos nem punha lentejoilas.

Os outros eram laureados, eram diplomados, eram mestres. Titulos mais do que sufficientes para poderem ser, impunemente, tolos á vontade. Fallavam em Regimbeau, em Neel, em Max-Muller e no diabo a quatro.

O que podia, contra isto, um ignorante, um poeta, um bacharel como João de Deus?

Podia lá inventar methodos?! Podia lá ser pedagogo?!

Mas perdoe-me, sr. redactor, perdoe-me. Este estylo, hoje, avivou-se mais do que eu queria. E eu, que tenho feito tantos esforços para o conservar manso e sereno!

Como já lhe disse, n'uma das minhas cartas anteriores, li todas as cartilhas nacionaes e li algumas estrangeiras. Quando me lembro de que as nacionaes só teem de bom, com raras excepções, o que roubaram á *Cartilha Maternal*, e de que Regimbeau, Neel, e outros, apresentados como fontes de João de Deus, estão abaixo do grande pedagogo portuguez, a minha indignação cresce e trahorda um bocadinho. Lembrar-me eu de que possuímos um admiravel methodo de leitura e de que o conservamos arrumado ao canto, como traste velho ou inutil!

Com muita consideração

De v. etc.

Francisco Manuel Homem Christo.

Segundo lêmos na *Folha*, de Vizeu, o sr. dr. José Julio Cesar, dignissimo reitor do lyceu d'aquella cidade, fervoroso apostolo da instrucção, espirito dos mais cultos e caracter dos mais nobres, levado pelo seu amor aos progressos d'este paiz fez no reletorio, que enviou ultimamente á *Direcção Geral de Instrucção Publica*, as mais lisongeiras referencias á maneira como se ministrou o ensino por compaulias em infantaria 14.

Diz a *Folha*:

«A' frente do maior districto do reino, tendo de velar por cerca de 600 escolas primarias, o sr. dr. José Julio Cesar, no exercicio do seu difficil cargo, compriu strictamente com os seus deveres, impondo se a nobilissima tarefa de levantar a instrucção e de suscitar a muitos professores, com o seu exemplo e isempção de caracter, o rigoroso cumprimento dos seus deveres. E soube faze-lo sem malquerenças, antes de todos recebendo inequivocas provas da mais alta consideração, quer como chefe dignissimo que sempre foi, quer como cavalheiro de primorissimo trato, aliado a uma bondade sem limites.

Do modo como o sr. dr. José Julio se interessava pela instrucção no districto, dá publico testemunho o reletorio que ha dias, sobre coisas de instrucção, enviou á *Direcção Geral*, onde é tida na maior linha de conta a sua opinião sobre os assumptos que prendiam com o espinhoso cargo que lhe fóra confiado e do qual vae sahir com o orgulho de haver cumprido por forma levantada, e de molde a sentir a satisfação da sua consciencia.

Referiu-se n'esse reletorio ao modo como outro benemerito apostolo da instrucção, o sr. capitão Homem Christo ensaiou nas praças do 14, com o auxilio da briosa officialidade, o methodo do grande poeta e pedagogista João de Deus, mostrando-nos talhadamente os benéficos resultados obtidos por aquelle methodo, mostrando a conveniencia da sua instrucção no exercicio; fez um largo esboço do estado da instrucção no districto; referiu-se ao modo como em Vizeu e Lamego se realisaram os exames primarios, mostrando os serviços realisados, durante o periodo que tem exercido o cargo de commissario, na sua secretaria, quaes auxiliares e serviços e modo como os prestaram e fechou com judiciosas considerações, a proposito da nova reforma primaria.»

Foi o mesmo sr. dr. José Julio Cesar, que assistiu a todas as provas publicas dos soldados de infantaria 14, ficando assim com pleno conhecimento de causa, quem, no brinde erguido em Vizeu ao ministro da guerra, fez o elogio do sr. capitão Homem Christo, exaltando os resultados obtidos no ensino por compaulias, provocando a notavel declaração, feita pelo ministro, de que os processos empregados pelo capitão Homem Christo, ao qual s. ex.^a teceu rasgados louvores, seriam extensivos a todo o exercito, se dessem bons resultados, como esperava, as experiencias que ia mandar fazer em Lisboa.

O dr. José Julio Cesar é, pois, um dos homens mais eredores da gratidão popular pelos seus devotados esforços em favor da causa santa da instrucção do povo.

Cartões postaes

Devem entrar em circulação, no dia 28 do corrente, os cartões postaes, de resposta paga, creados pelo § 5.º do art. 7.º do regulamento dos correios, e approvado por decreto de 14 de julho de 1902.

inimiga da liberdade e dos interesses locais.

Abaixo os indignos tratantes que sendo incapazes de servir Aveiro compromettem os seus interesses a cada instante,

Esse ha de ser o nosso grito até ao fim.

A NOSSA CARTEIRA

Parte no dia 3 de outubro para Lourenço Marques o nosso amigo Eduardo José Mendes Leite, que foi, como aqui dissémos, contratado para impressor da Imprensa Nacional de Moçambique, com séde n'aquella cidade.

Feliz viagem, muita saúde e prosperidades, é o que lhe desejamos.

Para a Costa Nova partiu com sua familia o sr. João Pinto de Miranda, habil regente da banda dos *Bombeiros Voluntarios*.

A uso de banhos está na Praia do Pharol o sr. dr. Sanches da Gama, illustrado professor do lyceu de Coimbra com sua familia.

Da sua casa de Sarrazolla partiu para Lisboa, o sr. Manuel Caetano Valente.

Está no Pharol a esposa e filhos do sr. Albino Pinto de Miranda.

Sal

Continúa subindo cada vez mais o preço do sal no nosso mercado. Actualmente cada barco vende-se a 505000 réis.

Praça de touros no Pharol

Muito concorrida a toirada de inauguração da praça do Pharol no ultimo domingo. O dia apresentou-se esplendido. A's 4 horas da tarde, estando presente a respectiva auctoridade, principiou a corrida, sendo lidados 7 touros, cinco dos quaes, se não eram puros, poucas *visitas* teem feito ás nossas diversas praças. A idade que tinham a isso nos leva a crer. Eram uns novinhos de puro sangue e muito finos.

Eis a ordem da corrida, segundo resavam os programmas: O 1.º touro que largaram ao sr. morgado de Covas era bom e já o tinha lidado, e por tanto sabia bem com quem se mettia. Enfeitou-o com uma farpa artisticamente collocada. Não proseguiu na sua faina porque o *malhado* apresentou-se desmolido da haste esquerda. Foi recolhido, sahindo depois para 4.º.

O 2.º touro coube a Luiz Homem e... *Cecilio*, que o aproveitaram artisticamente.

O 3.º touro foi para os bandarilheiros hespanhoes que fizeram por agradecer, mas com pouca sorte; as bandarilhas eram quasi sempre mal collocadas.

O 4.º touro coube ao espada... *Chicorito*, que se houve á altura dos seus credits. Simulou muito bem a sorte de *assassino* de bois.

O 5.º touro foi, em alternativa, para os cavalleiros Covas e Alão, que fizeram com galhardia um luzido trabalho.

Os srs. morgado de Covas e Fernando Alão, que vimos pela primeira vez, são elegantes a cavallo, e demonstraram que sabem bem de equitação, e que não teem medo. Foram muito applaudidos e com justiça.

O 6.º touro sahiu para os bandarilheiros Luiz Homem e... *Cecilio*. Enfeitaram o boi com bons pares.

O 7.º touro foi destinado para todos os artistas. Luiz Homem fez a sorte de gaiola muito bem. O povo clama para que o nosso patrio Francisco Peixinho bandarilheiro. Este pede auctorização, sendo-lhe concedida. Francisco Peixinho colloca no cornupeto muitos pares de farpas. Foi applaudido.

Os aveirenses João de Barros e João Cadão fizeram boas pégas.

O piso do redondel é que não ajudou os artistas a realçarem-se como desejavam. Todavia mostraram boa vontade pois que estiveram muito trabalhadores.

Foi uma tarde bem passada.

A policia não procedeu com cortezia exigindo a gratificação, a que diziam ter direito, antes de principiar a corrida. Os empresarios de certo não fugiriam ao pagamento de 35600 réis. *Quem paga adeantado é sempre mal servido.*

O *Districto d'Aveiro*, de segunda-feira ultima, aconselha a auctoridade a mandar proceder a uma rigorosa vistoria á praça do Pharol.

Não sabe *Frascuêlo*, a quem nós muito bem conhecemos, que em vez de ter uma vistoria teve duas? O sr. director das obras publicas, que affirmava as más condições de segurança da praça ficou, á vista da opinião dos peritos, vencido. E quer saber *Frascuêlo* quem foram os peritos? Foram os srs. João Santiago e Tavares, pelas obras publicas; Carvalho, conhecido mestre d'obras no concelho d'Ihavo, pela propria auctoridade a quem se dirige, e ainda pela empreza foi convidado o sr. João da Maia Romão que é de reconhecida competencia na materia.

O constructor da praça, sr. Manuel dos Santos Moreira, além do cuidado com que dirigiu os trabalhos, foi quem requisitou as vistorias respectivas á empreza. A praça foi approvada e portanto julgada a sua construcção com a segurança e solidez que o caso reclamava.

Já vê, pois, *Frascuêlo* que não teve razão de vir a publico fazer insinuações gratuitas e despidas de toda a verdade.

No proximo domingo e segunda-feira, 28 e 29, novas corridas de touros. Esses dias coincidem, como se sabe, com as festas da Costa Nova e da Barra.

Jaks.

Moeda falsa

O sr. administrador do concelho de Agueda prendeu tres individuos do logar do Sardão, Augusto de Castro, José Simões e Fernando Simões de Castro, accusados do fabrico e passagem de moeda falsa de 100 réis. O primeiro possuia duas fôrmas proprias para aquelle fim e os outros uma. A auctoridade, porém, não conseguiu apprehendel-as.

Os presos deram no domingo ultimo entrada na cadeia d'esta cidade. Declararam que as fôrmas lhes foram fornecidas por um individuo, ha pouco condemnado n'aquella comarca pelo roubo n'uma igreja de Sever do Vouga.

HORARIO DOS COMBOIOS

De Aveiro para o Norte
5,21 m., correio, 1.ª e 2.ª classe.
9,00 m., mixto, todas as classes.
4,47 t., tramway, vindo d'Alfarellos.
8,11 t., omnibus todas as classes.
9,49 t., expresso, 1.ª e 2.ª classe.

TRAMWAYS

3,55 da manhã.
10,15 da manhã.

De Aveiro para o Sul

6,48 m., omnibus, todas as classes.
2,12 t., tramway, até Alfarellos.
5,34 t., expresso, 1.ª e 2.ª classe.
10,30 t., correio, 1.ª e 2.ª classe.

TRAMWAYS

Chegada a Aveiro, terminus.
9,49 m.
9,9 t.

Os tramways partem do Porto ás 7,15 da manhã e 6,29 da tarde.

"Povo de Aveiro,"

Em Lisboa, na tabacaria Monaco.

Uma ultima vontade cumprida

O fallecido Ferreira d'Almeida deixou no testamento que queria que o seu cadaver fosse cremado e que as cinzas fossem lançadas ao mar.

Fez-se a cremação mas a sua herdeira pediu para ficar com estes restos.

Sendo o governo consultado, ordenou que se cumprisse a vontade do fallecido, e lá foram as cinzas para o mar.

COISAS DE LONGE

O «Livro-Azul»—Sobre a paz anglo-boer

Já foi publicado em Londres o *Livro Azul* que contém os documentos relativos á entrevista celebrada entre os generaes boers e o ministro das colonias, Chamberlain.

Essa entrevista realizou-se no dia 3 do corrente.

Os generaes boers apresentaram 11 conclusões.

Chamberlain respondeu-lhes que o surprehedia o numero d'essas conclusões, e os generaes boers replicaram que contavam com as seguranças dadas por Milner e Kitchener para que fosse aceite o seu *ultimatum*.

Acrescentaram que não pediam que se alterassem as condições da paz, mas que appellavam como subditos inglezes para a clemencia e justiça do governo de Inglaterra.

Em outra entrevista a que assistiu Kitchener, o general Botha insistiu sobre a questão da amnistia, respondendo-lhe Chamberlain que esse assumpto depende inteiramente dos governos do Cabo e do Natal, mas que desde já lhes podia dizer que os individuos que não tenham direito á amnistia não poderão aproveitar-se d'ella.

Tambem o ministro disse que, em relação ás viúvas e aos orphãos, a Inglaterra fizera o mais que podia.

«A Inglaterra, — acrescentou, — tem muito que perdoar, mas tudo esquecerá. A liberdade e a autonomia completa das antigas republicas dependem da rapidez com que annexarem. Toda a recriminação retardará a pacificação. A Inglaterra deve ter em conta os interesses de todos os povos da Africa.»

Chamberlain terminou dizendo: «Encontramo-nos a meio do caminho e achareis em nós tão grandes amigos, como fomos antes leaes adversarios.»

Padre assassino—Um crime horrivel

Em Torre de Cameros, provincia de Logroño (Hespanha), commetteu-se ha dias um crime horrivel.

Uma linda rapariga chamada Cayetana Martinez appareceu morta n'um bosque, tendo a cabeça quasi separada do tronco.

Os moradores do logar designaram logo como autor do crime o padre D. Victoriano Valdecantos, que sendo preso e interrogado pelo juiz instructor, se declarou, offectivamente, auctor do assassinato.

Parece que o feroz cura d'almas, doido de paixão, pela infornada rapariga, e não tendo esperanças de que ella se rendesse aos seus libidinosos desejos, a esperou n'um monte e lhe deu a morte. Depois foi a casa queimou a roupa que vetsia, por estar manchada de sangue.

A população de Torre de Cameros está indignadissima contra o miseravel.

O rei dos assassínios

Ha doze annos estavam presos no forte de Sill, em Arizona, Estados Unidos, o apache Jeronymo, inimigo mortal dos brancos e 289 guerreiros da sua tribu.

O presidente Roosevelt vem de os agraciar agora e até lhes fez importantes concessões de terrenos á justiça americana accusava o

indio Jeronymo de ter assassinado 213 pessoas, sem falar de casos suspeitos e de cabelleiras arrancadas pelos seus guerreiros.

O cruel chefe apache deu a seguinte resposta a um *reporter* americano que o foi entrevistar.

«Não sei quantos brancos eu matei. Pódem contal-os por centenas. Tambem matei muitas mulheres, mas nunca creanças. Ainda tenciono bater-me um dia, mais tarde ou mais cedo. Ha ainda muitas pessoas a quem desejo matar...»

Uma aventura infeliz

Ha dias, em Madrid, ao subir para o comboyo que ia partir para Saragoça, foi presa na estação do Meio-Dia uma mulher vestida com habitos monasticos e que levava o rosto vendado.

A detida foi levada para a inspecção de vigilancia da estação, emquanto que as pessoas que haviam presenciado a scena a comentavam com a natural surpresa.

Mas a surpresa e as supposições subiram de ponto quando, pouco depois, se viu sahir da inspecção a presa, sem os habitos monasticos e sem veus de qualidade alguma e dirigir-se para Penalva, em vez de partir para a capital de Aragão, Que seria? Que não seria?...

O caso ficou até á noite envolto no mais absoluto mysterio, apesar de todos quantos o presenciaram estarem interessados em saber do que se tratava.

Por fim, tudo se descobriu: uma senhora casada, de boa familia, tendo combinado uma entrevista com o amante, que a esperava em Saragoça, servira-se d'aquelle disfarce para não ser conhecida e poder ir, a salvamento, ter com elle.

Mas, pelos modos, o marido enganado, que não tinha os olhos tão fechados quanto para o caso seria de desejar, deu pelo estratagema e lá se foi tudo quanto Martha fiou!

Souvent la femme varie—como lá diz o poeta...

Uma tragedia—Oito pessoas mortas e quatro feridas

Contam de Malaga o seguinte terrivel acontecimento, ali succedido:

O guarda civil Antonio Calvente eram umas 11 horas da noite enlouqueceu de repente. Lançando mão d'uma espingarda disparou-a contra alguns camaradas que se achavam á porta do quartel, fugindo em seguida e fazendo sempre fogo.

Encontrou Juan Moreno, apontou a arma a este que, pondo-se de joelhos, lhe implorou piedade. Calvente, porém, disparou, despedaçando-lhe o craneo.

Depois, matou Antonio Lambro que estava á porta de casa, bem como Gaspar Ruiz que accorrera ao ruido dos tiros.

O assassino atravessou assim os bairros de Prechel e da Trindade, matando oito psoas e ferido gravemente quatro.

O tiroteio durou meia hora. O louco, proseguido por guardas civis e por soldados, foi morto por uma bala na ponte de Tetuan.

O alarme foi immenso em toda a cidade, tendo o facto causado profunda impressão.

PUBLICAÇÕES

Inspeção Geral dos Impostos

A *Bibliotheca popular de Legislação*, com séde na rua de S. Mamede, 111, Lisboa, acaba de editar o *Regulamento para o serviço da Inspeção Geral dos Impostos e do respectivo Corpo da Fiscalização*, seguido de todos os *mappas e modelos*, e em harmonia com a segunda publicação feita no *Diario do Governo* de 1 de setembro do corrente anno, visto a primeira, inserta em 11 de agosto ultimo, ter soffrido importantes rectificações; é esta a *única* edição que está conforme com a nova publicação feita na folha official.

O seu preço é de 160 réis, franco de porte.

Revista d'Anthropologia Criminal

Recebemos o 1.º numero d'esta *Revista*, excellente publicação no seu genero. Agradecemos.

«O OCCIDENTE»

Sempre interessante e variada, publica esta esplendida revista em seu n.º 853 as seguintes gravuras: retratos de dr. Alfredo da Cunha, director proprietario do «Diario de Noticias», Jayme Arthur da Costa Pinto, novo provedor da Real Casa Pia de Lisboa; A expedição militar ao Barué, revista das forças expedicionarias em Loanda; Necrologia, retrato do Conselheiro Ferreira d'Almeida.

A parte litteraria compõe-se de: Dr. Alfredo Cunha; Chronica Occidental, por D. João da Camara; As nossas gravuras; De Lisboa a Aldegallega, Pinhal Novo, Setubal e Palmella, por Victor Ribeiro; Visitas de El-rei D. João V á Inquisição de Evora, por Ramos Coelho; O escultor portuguez Silva Gouveia, por Rodrigo Velloso; Uma Valsa de Strauss, por Franz; Lições de Photographia; Meteorologia; Necrologia, Conselheiro José Bento Ferreira d'Almeida; Publicações, etc.

Lembra-se a todas as pessoas que forem a Lisboa, que não se esqueçam de visitar a maravilhosa e surpreendente Exposição Fabril Singer, installada na rua do Principe, á entrada da Avenida

TIPOGRAPHIA DO POVO DE AVEIRO
Acaba de nos chegar do estrangeiro, das primeiras fundições typographicas, uma variedade de tipos de phantasia, proprios para obras de luxo. Encarregamo-nos, portanto, de toda a obra de impressão, fazendo-a mais barata do que em outra qualquer parte.
Especialidade em cartões de visita

PRAÇA DE TOUROS
NO PHAROL DA BARRA DE AVEIRO
DOMINGO, 28
E SEGUNDA-FEIRA, 29
ÁS 3 1/2 DA TARDE
GRANDES E APPAROSAS CORRIDAS DE 7 BRAVISSIMOS TOUROS
Director da corrida o sr. Mario Duarte.
Assiste a banda dos *Bombeiros Voluntarios*.
PREÇOS — Camarotes, 35120 rs.; Reservados, 600 réis; Sombra, 420 réis; Geral, 220 réis.
Os bilhetes estão á venda em Aveiro na *Veneziana Central* e no estabelecimento do sr. Arthur Pinheiro, á rua da Apresentação, até ao meio dia.
ANNUNCIOS
BREAK
VENDE SE um quasi novo.
N'esta redacção se diz com quem tratar.

SAPATARIA REIS

R. DOMINGOS CARRANCHO
(A'S CINCO RUAS)

AVEIRO

O proprietário d'esta acreditada sapataria, José Almeida dos Reis, participa aos seus estimaveis freguezes que mudou o seu estabelecimento da Casteira para a sua casa da rua Domingos Carrancho, onde lhe deu uma instalação mais apropriada.

Como sempre, o seu empenho bem servir todos os que procuram a sua casa e, para isso, ao mesmo tempo que se encarrega de todas as encomendas por medida, tem á venda um grande sortimento de calçado fino para homens, senhora e creanças.

Todos os que conhecem as obras que sahem da sua casa, sabem que ellas se recommendam pela perfeição de corte, excellente acabamento e incomparavel modicidade de preços.

O proprietario agradece desde já a visita com que o publico se dignar honrar o seu rovo estabelecimento.

**ALVARO DE MORAES FERREIRA
MEDICO**

Consultas das 10 ás 12 horas da manhã e das 2 ás 4 horas da tarde.
Chamadas a qualquer hora do dia ou da noite.

Largo do Rocio, 42 a 44

CONSULTORIO

DENTARIO

**DE
THEOPHILO REIS**

Cirurgião-dentista pela Universidade de Coimbra
Extrahe, obtura, colloca dentes e encarrega-se do concerto de dentaduras

R. DIREITA, 58, 1.º
Aveiro

Vinho puro de Bucellas

Este vinho, muito apreciado pelas suas propriedades hygienicas, só se vende no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Praça do Peixe—AVEIRO

N. B.—Só se garante o proprio vinho o vendido no mesmo estabelecimento.

BAGAÇOS ALIMENTARES

VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos os melhores bagaços para alimentação de todos os animaes.

HORAS ROMANTICAS

Collecção de romances notaveis, esplendidamente traduzidos para portuguez, em lindissimas edições, ao alcance de todas as bolsas.

QUO VADIS? (2.ª edição) de H. Sienkiewicz. 3 volumes.

VIDA DE LAZARILLO DE TORMES, de Mendoza. — 1.º vol.

EULALIA PONTOIS, de F. Soulié. — 1.º vol.

A AMOREIRA FATAL, de E. Berthelot. — 1.º vol.

SENHOR EU, de Farina. — 1.º vol.

Cada volume, 100 rs.
Pedidos á Companhia Nacional Editora, largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e a todas as livrarias e tabacarias.

COSINHA PORTUGUEZA

OU

ARTE CULINARIA NACIONAL

COLLABORAÇÃO DE SENHORAS

(Productos reservados a um fim patriótico e piedoso)

2.ª edição, muito melhorada

Contém: — Preliminares sobre Modo de bem viver; A nossa habitação; A agua; A nossa alimentação; O nosso vestuário; Preceitos diversos.

795 receitas, com as seguintes secções: Sopas e purés, 41; Legumes e hortaliças, 25; Carnes diversas, 100; Croquetes e almondegas, 15; Peixes diversos (receitas de bacalhau, 35), 91; Molhos diversos, 28; Massas e entre meios, 19; Pasteis, tortas e empadas, 29; Ovos e omeletas, 27; Saladas diversas, 8; Doces de sobremesa, 28; Compotas e conservas, 54; Doces de chá, 155. — Total 795.

A venda unicamente na Imprensa Academica, de Coimbra para onde devem ser feitas as requisições, acompanhadas da sua importância, que é: — Em brochura, 600 rs. Pelo correio, 650. Em formosa cartanagem, 700. Idem 760 réis.

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

Os Mystérios da Inquisição

obra illustrada a cores por Manuel de Macedo e Roque Gameiro.

Nos *Mystérios da Inquisição* descrevem-se horrores que agitam afflictivamente a alma, scenas que fazem correr lagrimas, escarpellam-se figuras d'outros tempos, encadeiam-se acontecimentos dispersos e tenebrosos, fustiga-se a hypocrisia, enaltecem-se as grandes virtudes, faz-se rebrilhar a verdade e põem-se em relevo todos os personagens que entram n'este grande drama, em que vibram commoções da maior intensidade e affectos do mais exaltado amor.

Precioso brinde a todos os senhores assignantes: Uma magnifica estampa esplendidamente colorida, medindo 0,55x0,44, a qual representa uma das scenas cuja recordação ainda hoje nos é grata e que o nosso coração de portuguezes ainda não pode olvidar.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á *Companhia Nacional Editora*—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

HISTORIA

REVOLUÇÃO PORTUGUEZA De 1820

Illustrada com magnificos retratos dos grandes patriotas d'aquella época

ASSIGNATURA EXTRAORDINARIA

Os editores d'esta importante e patriótica edição nacional resolveram abrir uma assignatura extraordinaria, aos fasciculos semanales de 32 paginas, afim de facilitar a entrada d'este grande livro em todas as familias portuguezas. A HISTORIA DA REVOLUÇÃO PORTUGUEZA DE 1820 tem de ser para todos os portuguezes uma verdadeira reliquia de familia, tem de ser guardada na biblioteca de cada lar como testemunho a thentico do patriotismo e dos feitos heróicos dos nossos avós, que como leões lutaram pela santa causa da liberdade.

Condições da assignatura extraordinaria

Cada fasciculo de 32 paginas 60 réis
Cada vol. brochado.. 1.500 »
Obra completa (4 vol) 6.000 »

A assignatura por fasciculos pôde ser mensal, quinzenal, ou semanal á vontade do assignante.

Assigna-se em todas as livrarias do reino, na casa dos Editores Lopes & C.ª, rua do Almada, 123, PORTO.

EM AVEIRO—Livraria Nello Guimarães.

Cathecismo Moderno

(ILLUSTRADO)

Obra de propaganda nacionalista. Dedicada ás pessoas de bom senso.

Preço 50 réis

A venda na Livraria Elysis —Rua Formosa, 282

PORTO

A NOVA PHASE DO SOCIALISMO

POR

JOÃO DE MENEZES

A venda na Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor, 153, rua da Prata, 160 — LISBOA.

Preço 200

DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA

ACREDITADA FABRICA

"PFAFF,"

Fundada em 1862

EM

Kaiserslautern

São estas as melhores machinas de costura



A machina PFAFF para cosinheiras.
A machina PFAFF para alfaiates.
A machina PFAFF para modistas.
A machina PFAFF para sapateiros.
A machina PFAFF para seifeiros.
A machina PFAFF para correiros.
A machina PFAFF para toda a classe de costura, desde a mais fina cambraia ao mais grosso cabedal.

A machina «PFAFF» é sem duvida a rainha de todas as machinas de costura

Ensino gratis. Garantia illimitada.
A prestações e a dinheiro com grandes descontos.
Para collegios e escolas de meninas, preços e condições especiais.

Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para toda a classe de costura.

Conserta-se machinas de todos os systemas.

Peçam catalogos illustrados que se remetem gratuitamente.

Pedidos a José Maria Simões & Filho

ANADIA — SANGALHOS

ROLÃO PALMA

ESTA farinha muito mais barata e superior do que qualquer outra para a engorda de porcos, gado vaccum, galinhas, etc. etc. vende-se unicamente no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Praça do Peixe

AVEIRO

SEM DOGMA

Notabilissimo romance, em 2 volumes, de H. Sienkiewicz, auctor do

QUO VADIS?

tradução de EDUARDO DE NORONHA

300 rs. cada volume 300

A venda o 1.º volume, com uma capa a cores, na Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50—LISBOA.

O FOGO

Notabilissimo romance de Gabriel de Amunzio, o mais brilhante dos escriptores italianos da actualidade, traduzido para portuguez por Amadeu Silva d'Albuquerque. E' esta a obra mais sensacional do grande escriptor, pela belleza commoedora e assombrosa do seu entreccho e pela sua forma artistica e impecavel.

DOIS ELEGANTES VOLUMES, COM ESPLENDIDAS CAPAS A CORES

Cada vol. 100

Pedidos á Companhia Nacional Editora, largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

SIGAMOL-O!

Sensacional romance de H. Sienkiewicz, auctor do *QUO VADIS?* seguido de mais dois soberbos contos do grande escriptor polaco.

Trad. de EDUARDO NORONHA

Um luxuoso volume, com uma lindissima capa a cores e ornado com magnificas illustrações.

Preço 500 réis

A venda na Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e em todas as tabacarias e livrarias.

ARMAZENS

DA

BEIRA-MAR

DE

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo (Luz. Cam.)

Preços fixos

VENDAS SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.

Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapêus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes *Clement* e machinas de costura *Memoria*, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquillarias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flores artificiaes e cordas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas tem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79